

GARCÍA GONZÁLEZ, Francisco; ORTEGA DEL CERRO, Pablo (eds.) (2023). *Los hogares de los mares. La familia en la España marítima, siglos XVI-XIX*. Gijón: Ediciones Trea, 354 pp., ISBN 978-84-19823-71-7.

O livro *Los hogares de los mares. La familia en la España marítima, siglos XVI-XIX* foi editado em dezembro de 2023 por Francisco García González e Pablo Ortega del Cerro. Constituído por treze capítulos, tem como principal objetivo mitigar a lacuna sobre aquilo que se conhece sobre as famílias que viviam em locais marítimos ou influenciados pelo mar, desde o século XVI até ao século XIX. A pintura do início do século XX que se encontra na capa do livro, *Las tres velas*, de Joaquín Sorolla, remete-nos para a vida no mar, com três mulheres em primeiro plano, uma delas com uma criança ao colo e três embarcações a vela no mar, em segundo plano.

O primeiro capítulo, “La vida a bordo. Un microcosmos social en la Carrera de Indias”, de autoria de Pablo Emilio Pérez-Mallaína Bueno, tem como principal objetivo demonstrar o interior das embarcações da Carreira das Índias. Para isso, principia por descrever o que dentro delas se passava, comprovando que eram uma pequena representação da sociedade. Dentro das naus, existiam diferentes níveis de autoridade política, religiosa e militar, assim como distinções claras em relação ao estatuto económico e ao prestígio social. Através de relatos contemporâneos a esta rota, o autor explicita que estas embarcações eram constituídas por pessoas de múltiplas funções e estatutos, incluindo artesãos, meros passageiros e membros da família de vice-reis, onde se incluíam, também, mulheres. As mesmas fontes foram, ainda, exploradas para conhecermos os diferentes cargos marítimos, assim como a fé e costumes religiosos destes homens e as dificuldades da vida marítima, onde se incluíam os ataques, naufrágios e mortes.

O capítulo dois, de autoria de José Manuel Vásquez Lijó, “Los matriculados de mar, 1750-1830: notas sobre cálculos, problemas, fraudes y remedios”, explora aqueles que trabalhavam no mar e, por isso, estavam incluídos nas matrículas. Através da análise dos diferentes dados desta fonte, o autor conclui que o ofício do mar era de herança familiar. Com o foco em dar a conhecer os diversos cargos ocupados por aqueles que aí trabalhavam, descreve-os, tendo que deixar de parte dois grandes cargos da construção naval, o de *carpintero de la ribera* e de *calafate*, dado fugirem do objetivo principal do livro. Descrevem-se, não só, os pescadores, os veteranos, os jubilados, mas também os *muchachos*, crianças que trabalhavam no mar, e os *terrestres*, que atracavam e arrastavam as embarcações. Explora-se, ainda, o comércio marítimo, a guerra e os homens

que escolhiam desertar, comumente aqueles com ligações familiares prévias ao mar.

“Mujeres de las comunidades marítimas a finales de la Edad Moderna: lo que sabemos y no sabemos de ellas” é o título do capítulo número três, escrito por Ofelia Rey Castelao; que principia pela análise daquilo que já se conhece destas mulheres. Uma área lacunar, a autora analisa trabalhos antropológicos e outros que utilizam como fonte relatos de turistas, que registavam o que consideravam extraordinário. A falta de fontes, conclui, dificulta a chegada a lugares-comuns, levando à carência de monografias metodologicamente atualizadas e à frequência de estudos fragmentários. Assim, considera indispensável a legislação, censos realizados na segunda metade de Setecentos e registos paroquiais para compreender os comportamentos familiares da época, destacando as escrituras notariais como essenciais para o estudo da dimensão social das mulheres da costa, através de documentação como as solicitações de pobreza, de viuvez, de reconhecimento do desaparecimento de filhos e maridos, escrituras de tutela e dotes, escrituras de crédito, contratos de trabalho, etc. Relativamente ao trabalho feminino, epiloga que as mulheres do mar, para além de assumirem as tarefas domésticas, tinham uma situação laboral descontínua e irregular, sazonal, informal e complementar, levando a situações económicas comprometedoras. Relembra, porém, que existiam mulheres comerciantes com elevada importância social.

O quarto capítulo, “Héroes y villanos. Masculinidades, guerra y hogares de la Real Armada”, de María Dolores González Guardiola, começa por explicitar que a história da Real Armada é contada sempre pela perspectiva masculina. Passando pela análise dos tópicos mais comuns em comunidades afetadas pela guerra através de outras obras e fontes como correspondência, desconstroem-se os ideais masculinos da valentia e heroísmo, explicitando que foram os estudos de género e estudos feministas que acarretaram bagagem conceptual que incorpora as noções de masculinidade ou identidades sexuais, e explicam-se as vidas dos homens que viviam do mar.

Com o objetivo de caracterizar as famílias da Galiza marítima, segue-se o capítulo de Anxo Rodríguez Lemos, “Entre o mar de fóra y o mar de dentro: las familias en la Galicia marítima a finales de la Edad Moderna”. Começa por fornecer o contexto do crescimento da região do século XVI ao XIX, potenciado não só por se ter tornado sede da administração real, mas também por ser a capital do *Departamento Marítimo del Norte* e pelo crescimento agrícola, ocupação da maior parte dos pescadores ao longo do ano. Como a maior região piscatória da atual Espanha, mais de um terço das suas embarcações tinha o objetivo de pesca. A alta densidade populacional da costa fez com que

a população se fragmentasse em pequenos lugares ou aldeias, que estavam dispersas pelo espaço. Assim, pequenos conjuntos de casas juntas formaram *casais*, concentrando vizinhos consoante o grau de aproveitamento do solo. Por outro lado, a riqueza marítima permitiu que assentassem pessoas no espaço imediato; deste modo, as localidades do litoral sofreram um certo estancamento ou um crescendo controlado, potenciado pela falta de crises e doenças. Por último, explora-se o comércio marítimo da região e o aumento do número de casamentos entre mercadores estrangeiros e locais, como forma de integração na sociedade.

O sexto capítulo do livro, da autoria de Fernando Manzano Ledesma, tem como título “¿Más vale comprar la sangre? Cartografía de los matrimonios entre parientes en Asturias (siglos XVIII-XIX)”. Este texto tem como objetivo mostrar em que zonas é que predominaram estes casamentos e naquelas em que aconteceu o oposto, perceber as causas destes comportamentos opostos e identificar a intensidade deste fenómeno nas paróquias costeiras e nas do interior asturiano. Ao analisar registos paroquiais, o autor chega à conclusão que em 44.045 casamentos analisados, 16.358 realizaram-se na região ocidental das Astúrias, 15.201 no centro e 12.486 na parte oriental. Destes, 3.825 necessitaram de dispensa papal. O grau de consanguinidade mais comum era o 3.º ou 4.º grau, seguindo-se os em 2.º e 3.º grau e, ainda, o matrimónio entre primos carnais e tios/as e sobrinhos/as. A região ocidental das Astúrias era aquela onde eram menos comuns os matrimónios entre parentes, com apenas 14,1% dos matrimónios deste tipo. Estes eram mais comuns no oriente das Astúrias. Existia também uma grande influência dos sistemas de repartição de bens na herança, visto que nas regiões central e oriental se fazia a repartição igualitária de bens pelos filhos do casal. O autor mostra ainda que, na parte ocidental, o sistema era o do morgadio e, depois de analisadas duas povoações: a paróquia de Santa María de la Barca, no concelho de Navia e o porto de Lastres, chega à conclusão de que o mar não influenciou a percentagem de matrimónios entre parentes, prevalecendo a importância dos sistemas hereditários nesta decisão.

Elena Llorente Arribas é a autora do sétimo capítulo, “Familias en ultramar. Casas de comercio vizcaínas en el Atlantico (siglos XVI y XVII)”, onde se identificam diversas famílias da região de Biscaia que participaram no comércio daquela que é considerada a primeira globalização atlântica. Elorrio, Lequeitio, Bilbao e Portugaleta foram quatro dos núcleos com mais atividade mercantil, situando-se perto do mar e de portos, em zonas de passagem entre Castela, Cantábria e França, em rotas industriais importantes para setores do comércio basilares para a economia do País Basco. Com o avanço e complexificação do comércio, estas famílias colaboraram ao realizar uma multitude de acordos e

contratos com pessoas em comum. As famílias de Biscaia fizeram-no através de casamentos arranjados entre os seus filhos, implementando uma política material que contribuía para alcançar os interesses da economia doméstica e a casa do comércio, estratégias de nupcialidade que se moveram num espetro amplo entre a endogamia (o mais comum entre estas famílias) e a exogamia.

“Hogares ausentes y trayectorias de género en la Barcelona de mar (XVII-XVIII)” é o oitavo capítulo deste livro, escrito por Mariela Fargas Peñarrocha, que começa por definir aqueles que são considerados “gente de mar”: grupo que integrava aqueles que passavam tempo nos barcos (marinheiros, pescadores, galeotes e pilotos), os que trabalhavam na construção naval (carpinteiro de ribeira, veleiros, amarradores e remolares), os que trabalham nos ofícios portuários (barqueiros e descarregadores de muelles). Enquadramento necessário para definir o seu objetivo primário: estudar as pessoas do mar e as suas famílias cujo desenvolvimento social esteve marcado por uma maior fragilidade, por períodos de ausência do seu lar, mas também relacionadas com a procura de um outro rendimento que permitisse a sua sobrevivência. Através da seleção do grupo mais amplo, o de pequenos marinheiros, pescadores e trabalhadores portuários, utilizam-se diversas fontes para os caracterizar, como descrições em correspondência e obras suas contemporâneas e outras publicadas posteriormente. A autora considerou fundamental perceber de que forma a ausência destes homens impactava a sua família, algo que se comprovava pelo facto de a mulher assumir a posição central, contribuindo grandemente para o sustento da família.

“Los trabajadores de las almadrabas y sus familias en Valencia y Cataluña, siglos XVI-XVII”, de Judit Vidal Bonavila é o nono capítulo do livro em análise, que tem como principal objetivo perceber quem realiza de forma direta as almadrabas. Uma técnica piscatória complexa, que fazia com que os trabalhadores se organizassem em comunidades específicas que existiam num tempo circunscrito do ano, estabelecendo-se perto do mar. A autora explicita as duas realidades exploradas e que se complementam, sendo possível perceber como é que se formaram diferentes linhagens de almadrabeiros e a migração dos trabalhadores e comerciantes, sempre em busca de melhores lugares e condições de vida.

Pablo Ortiga del Cerro é o autor do décimo capítulo, “A la sombra de la Aramada: hogares, familias y parentelas del Departamento Marítimo de Cartagena en el siglo XVIII”. Ao se converter na capital do Departamento Marítimo e por acolher uma das bases navais mais importantes da monarquia hispânica, a população da cidade quadruplicou. Por isso, registou-se uma entrada e saída constantes por parte de militares e marinheiros. Utilizando

documentação notarial e o *Catastro de la Ensenada*, o autor compreendeu a estrutura das famílias, mas também os 27 subsetores profissionais da cidade. A população separava-se em quatro grupos: as pessoas do mar; os encarregados pelas manufaturas e obras do arsenal marítimo; a população militar que pertencia aos corpos de infantaria e artilharia da Marinha; e, um grupo de elite constituído pelos oficiais militares e administrativos da *Real Armada*. Quando analisada a documentação notarial, foi possível tirar ilações sobre as relações de parentesco dos elementos dos quatro grupos acima referidos: predominava a família nuclear, com redes mais amplas e complexas do que descrito nas fontes. Por outro lado, e através de documentação produzida por solteiros e/ou viúvos, sobressai a importância de membros da família como irmãos, tios, sobrinhos, primos, etc. Sobressaem as estratégias utilizadas por aqueles que se aproximavam da velhice, doença, etc. Eram os familiares imediatos que garantiam a assistência necessária, mas existia outra opção, dado o carácter migrante da população na cidade de Cartagena.

“Hogares y gente de mar en Andalucía mediterránea a finales del Antiguo Régimen” é o capítulo de autoria de Francisco García González e Daniel Maldonado Cid, o antepenúltimo deste livro. Ao analisarem o *Catastro* de 16 localidades, os autores constataam que a família predominante era a família nuclear pequena, constituída comumente por três pessoas. Praticamente um quarto de todas as famílias tinham a mulher como chefe de família, e, nas regiões em que existiam mais pessoas ligadas ao mar, a habitação tinha uma maior presença de filhos no seu interior, sendo superiores à média de outros grupos socioprofissionais. Destacam-se as zonas extremamente influenciadas pelo fluxo comercial e pelo trabalho do mar, especialmente em relação à composição das famílias. Muitos destes tinham que recorrer a outras atividades socioeconómicas para garantir a sobrevivência de todos os membros do seu agregado familiar. A grande oferta de outros empregos fazia com que diversos homens e mulheres tivessem mais do que um, para garantir a sua sobrevivência. No entanto, as suas vidas estariam sempre marcadas pelas dificuldades ligadas ao mar.

O décimo segundo capítulo deste livro, de autoria de Jesús Manuel González Beltrán e Guadalupe Carrasco González, “Gente de mar: actividad profesional y entorno familiar en la bahía de Cádiz en la segunda mitad del siglo XVIII”, tem como objetivo identificar as profissões desempenhadas pela “gente de mar” nas localidades de Cádiz, El Puerto de Santa Maria e Rota, terras de predomínio de atividade marítima, num período chave para os confrontos navais motivado pelo controlo dos mares nos territórios coloniais. Neste cenário, a cidade de Cádiz e a sua baía constituíam o núcleo principal das relações comerciais intercontinentais. Ao analisar as fontes da indústria e documentação

notarial, conclui-se que é muito difícil chegar a conclusões irrefutáveis sobre o assunto, pois são diminutas as fontes que chegaram até hoje, inviabilizando uma evolução desta população ao longo do tempo. Deste modo, os grupos laborais que se podem considerar dentro do coletivo do mar são os tripulantes de embarcações e os ofícios de mestrandia. Os marinheiros eram um grupo formado por analfabetos, com má conduta, sem património e com salários baixíssimos. Constata-se que era um setor geracional, de pais para filhos, sendo comuns os casamentos entre componentes de famílias marinheiras. As famílias eram nucleares, compostas por pais e filhos e o apogeu da família acontecia quando o cabeça de casal tinha entre 41 e 50 anos, num período onde já teriam todos os seus filhos e estes ainda não se tinham emancipado. Outros tipos de família são raros, e quando existia alguém a acrescentar ao núcleo costumava ser familiares que necessitavam de assistência.

O último capítulo do livro, “Hombres de mar y mujeres de tierra. El miedo de la perdida del esposo en Canarias durante el Antiguo Régimen”, de Nira Santana Montañez e Juan Manuel Santana Pérez, tem como principal objetivo estudar a documentação do tribunal eclesiástico, como protocolos de incumprimento matrimonial, de forma a dar a conhecer mais sobre as famílias cujo cabeça de casal trabalhava no mar. Ao contrário do que era comum, as famílias eram constituídas por muitos filhos. Ademais, a maioria dos homens viviam e trabalhavam do mar, o que acarretava transtorno e preocupação. As mulheres, por outro lado, deviam fiar, coser, cozinhar e exercer enquanto parteiras. Caso o seu marido embarcasse e não regressasse a casa, elas viviam vidas duras e difíceis, tendo que se adaptar e procurar outros empregos, sempre ligados a funções extremamente feminizadas, como as de padeiras, vendedoras e fiadoras de tear. Vida que se complicava, especialmente pela crise que assombrava as ilhas no final do século XVIII e que deixou a população em condições de vida miseráveis.

O livro, que tem como principal objetivo dar a conhecer as famílias e estruturas familiares, heterogêneas e múltiplas, daqueles que enfrentaram as agruras do mar, colmatando algumas das áreas que se ignoravam, cumpre o seu propósito. De forma eloquente e clara, são-nos mostrados diferentes campos das vidas destas pessoas, como as estruturas familiares, locais e laborais, em diferentes regiões da atual Espanha. Desde o casamento, às estratégias a ele associadas, ligadas aos negócios e transmissão de terras, vemos o papel fundamental do mar na vida destas pessoas, múltiplo e complexo. A vida das famílias do mar, e muito particularmente das suas mulheres, era árdua, marcada pela ausência dos seus maridos e dos seus filhos e, muitas vezes, também pela sua perda; face a isto, enfrentavam as dificuldades de forma resiliente. Conclui-se,

portanto, que se trata de uma obra esclarecedora e que nos permite conhecer as dificuldades dos que viviam a sua vida dentro e fora das águas do mar.

INÊS TENREIRO BERNARDO

Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras

inestbernardo@gmail.com

<http://orcid.org/0009-0007-1650-4894>



